

ARTA



MONTROFENESTRO

O intuito da seção ARTA MONTROFENESTRO é divulgar trabalhos de artistas nacionais e internacionais para conhecimento de nosso público leitor.

É de total responsabilidade do artista a originalidade do trabalho selecionado.

VISTA DA EXPOSIÇÃO "HISTÓRIA POR ENQUANTO", INDIVIDUAL DE LUCAS MATOSO NA GALERIA MAMA CADELA, EM 2025. FOTOGRAFIAS DE ISABEL MOREIRA.

140

HISTÓRIA POR ENQUANTO toma como ponto de partida a pintura de título homônimo realizada pelo artista que, por sua vez, parte do poema escrito pela artista Nancy Holt, no contexto do falecimento de seu companheiro Robert Smithson, em um desastre aéreo, aos 35 anos.

A exposição conta com texto de Maria Mendes, e apresenta cerca de vinte trabalhos inéditos, realizados na residência artística da FAAP.

Projeto gráfico de Lucas Matoso e Isabel Moreira.

HISTÓRIA POR UMA EXPOSIÇÃO DE LUCAS MATOSO ENQUANTO

na galeria mama cadeia 13/12.

18hrs



**TEXTO DE
MARIA MENDES**

ALGO QUE ACENA, SEDUZ, CHAMA, MAS NUNCA SE ENTREGA

Lucas e eu nos conhecemos em 2018 e não fomos muito com a cara um do outro. Do meu ponto de vista, porque ambos tínhamos uma personalidade um tanto combativa; do dele, porque eu sou ariana e ele, escorpião. Contudo, com o passar dos meses, a faísca foi esmorecendo, e um dia combinamos de perambular juntos pelo centro de Belo Horizonte. Naquela tarde, descobrimos um ao outro: nossas conversas sobre arte eram intermináveis, nosso humor? Muito parecido. A personalidade veemente, cheia de energia, do Lucas; seu ser é puro desejo, desejo de encontro, de troca, de leitura, de criar, de estar no mundo.

Tudo isso está presente em sua pintura, mesmo nas primeiras imagens ainda um pouco desajeitadas do início da faculdade: a cor vibrante, o traço marcado, o desejo e o movimento já estavam lá. Sua obra nos convida a entrar nessa ventania enérgica em que ele vive. Lucas saiu de casa com apenas 14 anos e, desde então, morou em muitas casas e cidades diferentes: o movimento faz parte de quem ele é. Sair para caminhar, por exemplo, sempre foi algo recorrente. Lembro que ao conhecê-lo, fiquei impressionada quando, às duas horas da manhã, o via decidir percorrer a pé o trajeto de quatro quilômetros até sua casa.

Uma outra história do chão e Teatro do dia, teatro da noite, as duas séries de pinturas presentes nesta exposição, demonstram, veementemente, como sua subjetividade é afetada por todos e tantos percursos, enfim, pelo constante deslocamento de seu corpo. Assim como os tornados aos quais Francis Alÿs lançava-se em direção, Lucas, ao sair de sua casa tão novo, viu a cidade e seus encontros como tornado, os quais também se apaixonou a perseguir. Tornado de imagens, a cidade, a cada caminhada, se impõe para ele, ora como sonho, ora como fabulação, ora como evidência.

Essas formas de aparição dizem sobre como a eclosão do movimento da vida da cidade acontece dentro e fora de Lucas. Certas imagens ele controla; outras escapam de qualquer possibilidade de controle, o teatro do dia, do consciente, e o teatro da noite, do inconsciente. Os objetos, pequenos quadros flutuantes, que surgem em *Uma outra história do chão* compõem um mapa visual de aproximações que nos remete a colagens ou abas de computador selecionadas com cuidado, mas também a pop-ups, fotos de

redes sociais, ou tabloides, vitrines, objetos e outras imagens das quais não conseguimos desviar o olhar ao adentrar qualquer centro urbano pós-moderno. Controle e descontrole: a história do chão, do caminhar e da vida é, afinal, um conjunto de encontros e situações que podem envolver planejamento, mas quase sempre dizem respeito às pedras e aos espantos fortuitos que nos acometem no caminho.

*

Lucas desafia esse descontrole, lidando com sua pintura de forma voluntariosa e direcionada. Ambas as séries possuem um formato que ele replica incansavelmente; alguns elementos se repetem com constância nos quadros, são desdobramentos que muitas vezes surgem de desenhos relâmpagos feitos previamente a partir de suas caminhadas pela cidade. As pinturas acontecem por meio de um processo de inúmeras cama-das: diversos elementos são apagados até que eles atinjam sua aparição na composição final. Não seria estranho que, algumas horas antes da abertura da exposição, ele ainda estivesse retocando alguma das telas, em busca, talvez, de apreender o movimento que delas insiste escapar. É como se ele questionasse a característica, imanente ao campo da pintura: a duração.

E esse tempo que escapa, e continua, é presente no título da exposição: *História por enquanto*, se refere ao título de um poema escrito pela artista Nancy Holt, em 1978, para seu companheiro Robert Smithson, no contexto de seu falecimento em uma queda de avião. Ali, Nancy H. reflete sobre o tempo, a duração, a imper-manênci a e a entropia. O movimento da vida, descrito por Nancy Holt, é o da caminhada pela cidade, do encontro e desencontro de amores, da viagem com os amigos, das noites pela cidade e da amizade que surgiu do atrito. É o movimento que gera desejo, anseio, impulso. Desejo, contudo, que é vulnerável, e também, uma promessa: algo que acena, seduz, chama, mas nunca se entrega. As pinturas aqui apresentadas mais sugerem do que revelam, mostram apenas fragmentos, apontam caminhos, e se abrem para um futuro que o chama a caminhar mais, e sempre continuar... buscando.

Maria Mendes, 2025.



1. Vista da exposição "História por enquanto", individual de Lucas Matoso na galeria Mama Cadela, em 2025. Fotografias de Isabel Moreira.



2. Vista da exposição "História por enquanto", individual de Lucas Matoso na galeria Mama Cadela, em 2025. Fotografias de Isabel Moreira.



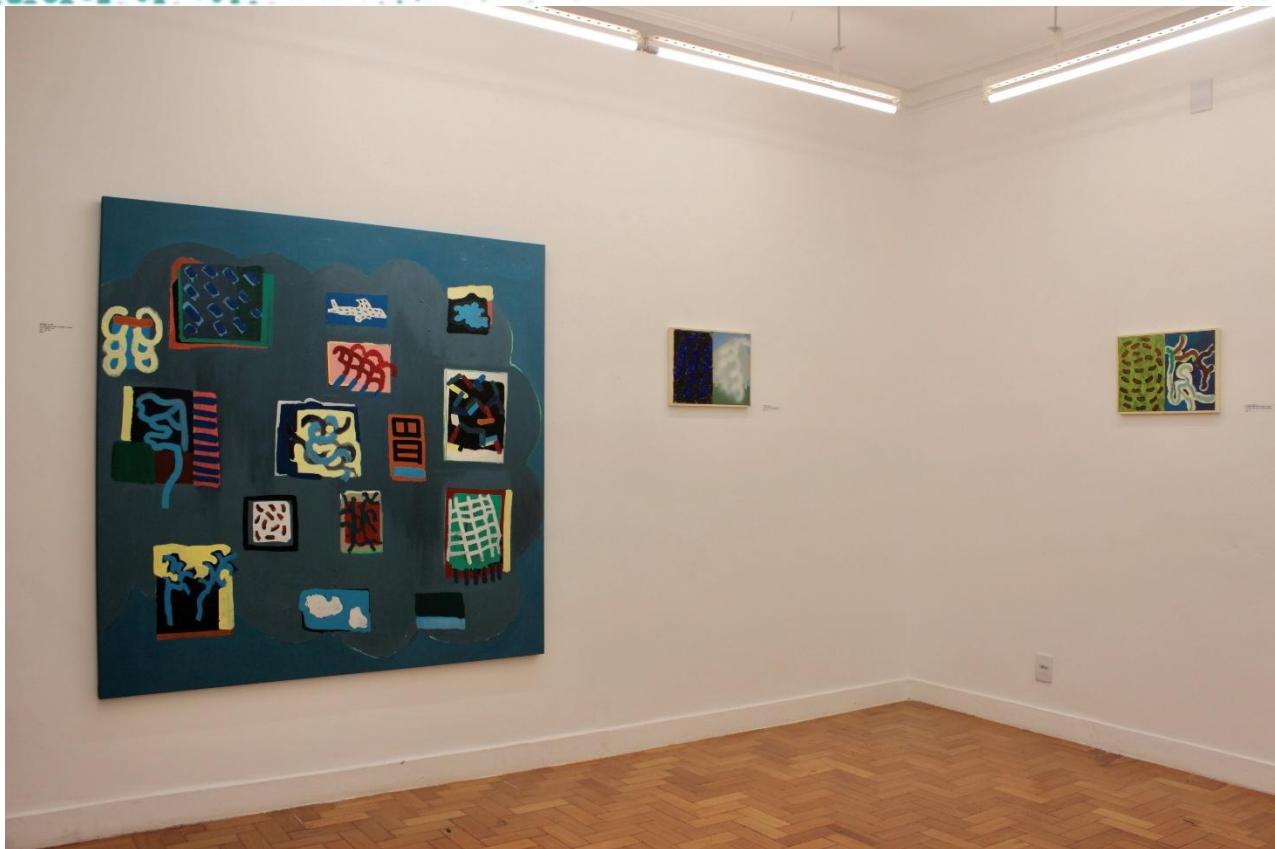
3. Vista da exposição "História por enquanto", individual de Lucas Matoso na galeria Mama Cadela, em 2025. Fotografias de Isabel Moreira.



4. Vista da exposição "História por enquanto", individual de Lucas Matoso na galeria Mama Cadela, em 2025. Fotografias de Isabel Moreira.



5. Vista da exposição "História por enquanto", individual de Lucas Matoso na galeria Mama Cadela, em 2025. Fotografias de Isabel Moreira.



6. Vista da exposição "História por enquanto", individual de Lucas Matoso na galeria Mama Cadela, em 2025. Fotografias de Isabel Moreira.



7. Vista da exposição "História por enquanto", individual de Lucas Matoso na galeria Mama Cadela, em 2025. Fotografias de Isabel Moreira.



8. Vista da exposição "História por enquanto", individual de Lucas Matoso na galeria Mama Cadela, em 2025. Fotografias de Isabel Moreira.

LUCAS MATOSO,

Vive e trabalha em São Paulo.

152

Estabelecendo uma prática de trabalho que tem como princípios as noções de cartografia e repetição, e compreendendo a pintura como forma de se desorganizar e reimaginar o entorno, sua produção lida com as ambiguidades constituídas pela relação dialética entre sujeito e contexto, a partir de procedimentos como síntese e justaposição, se detendo na poética da subjetividade, dos espaços, dos percursos e das relações.

Lucas possui graduação em artes visuais pela Escola de Belas Artes da UFMG. Foi selecionado para a residência artística da faap em 2025, e participou das exposições coletivas “Abrir-se um abutre ou mesmo depois de deduzir dele o azul”, curadoria de Fabíola Rodrigues e Marcel Diogo, como resultado do 7º prêmio novos artistas do Memorial Minas Gerais Vale (2024); “Palavras não lidas, mal ditas, se perdem no escuro”, na Casa Camelo (2024); “Como destruir certezas”, na galeria Mama/Cadela (2023); “Quintais”, na galeria quartoamado (2023); da 14º edição da feira junta, no galpão Bomfim (2023); “O futuro daqui pra trás”, no espai ateliê (2022), além das individuais “O axioma da escolha”, no Centro Cultural UFMG (2023) e História por enquanto, na galeria Mama Cadela (2025).